



A preservação de fotografias na imprensa¹

Paola Neves Pretola²

Resumo

Partindo da importância sócio-cultural da fotografia na contemporaneidade, enfocamos o documento fotográfico nos meios de comunicação, particularmente na imprensa brasileira. Os arquivos fotográficos (tanto os analógicos quanto os digitais) foram analisados no que diz respeito à sua preocupação com a conservação do patrimônio cultural, questionando-se os motivos que levam as instituições a dedicar maior ou menor atenção à conservação.

Palavras-chave: *Fotografia; Fotojornalismo; Preservação; Documento Audiovisual*

1. Introdução:

Desde a criação da fotografia foram designados a ela diversos papéis, como meio de informação, de conhecimento, de auxílio a vários tipos de pesquisas e também como forma de expressão artística. O ato de fotografar é “apropriar-se da coisa fotografada”. (Sontag, 1981: 192) A fotografia registra fatos, imagens, costumes, monumentos, personalidades, enfim, ela é uma representação da expressão cultural dos povos.

De um modo geral, na imprensa brasileira, ainda não temos a cultura de conservação do documento visando à posteridade: e deste modo raridades acabam se perdendo, pois parte substancial da memória audiovisual dos séculos XIX e XX está registrada em suporte fotográfico e foi gerada pelos meios de comunicação – a imprensa em particular. Nos meios de comunicação (como revistas, jornais, etc), sem dúvida a utilização da imagem é muito relevante, razão pela qual muitos possuem seus próprios arquivos de imagens (informatizados ou não), ou recorrem a outros arquivos de imagens, de acordo com a necessidade. Assim sendo, foram analisadas as condições de conservação dos documentos fotográficos, não apenas os aspectos físicos e químicos, mas principalmente as variáveis sócio-culturais intervenientes.

¹ Este artigo é uma versão resumida de um projeto de iniciação científica que se transformou em Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado: “A importância dos arquivos fotográficos na imprensa escrita: ênfase na preservação dos documentos”, defendido na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – Departamento de Biblioteconomia e Documentação e orientado pela Profa. Dra. Johanna W. Smit.

² Graduada em Biblioteconomia pela ECA-USP, pós-graduada em Gestão da Comunicação pela ECA-USP e bolsista de iniciação científica pela Fapesp no período de 2004 a 2005.

1. Fotojornalismo e memória

O jornalismo tem o poder de construir opiniões a respeito dos fatos. Uma das formas de se construir as opiniões a respeito dos fatos é a utilização de

palavras e imagens que falam dos acontecimentos do dia, é proporcionada a criação do imaginário comum (...) Fotos de jornais devem informar com clareza, sendo a objetividade a essência declarada de seu discurso” (Canto, 2003: 30).

A fotografia não se restringe apenas ao registro de uma realidade naquele momento. “É possível percebê-la como construtora de sentidos/conceitos” (Canto, 2003: 41). “Os textos verbais não significam o mundo diretamente, mas através de imagens rasgadas.” (Canto, 2003: 53). A relação entre texto e imagem tenta relacionar qual significado as fotografias podem apresentar. De qualquer forma, não podemos nos esquecer de que hoje há diversos recursos para o tratamento de fotografias, e dessa forma, pode-se construir praticamente qualquer realidade. “Toda imagem pode se tornar ‘falante’, podendo funcionar como testemunho, a partir do momento em que se situa no campo de um conhecimento lateral adequado, capaz de encerrá-lo em suas redes.” (Schaeffer, 1996: 131)

Fazendo uma relação direta com o fotojornalismo,

Chamo referente fotográfico não a coisa facultativamente real para que remete uma imagem ou um signo, mas a coisa necessariamente real que foi colocada diante da objetiva sem a qual não haveria fotografia. Na fotografia não posso negar que a coisa nunca esteve lá” (Canto, 2003: 60).

O testemunho é apontado como a função de comunicação mais importante da imagem fotográfica:

O testemunho fotográfico é um gênero jornalístico (...) implica sempre o agenciamento de uma imagem e de uma mensagem para-icônica, que é, pelo menos em parte, narrativo. É a mensagem jornalística que acompanha a imagem que nos fornece a narrativa esperada e, por meio dela, situa a imagem em seu universo de remissão e no acontecimento global de onde se origina. A função da narração é crucial: pelo fato da indeterminação da imagem pelo conhecimento lateral do receptor, só o conhecimento de um terceiro permite completar a seqüência dos acontecimentos. Na ausência de qualquer mensagem para-icônica, a tensão visual permanece inteira. (Schaeffer, 1996: 125 - 128).

As fotografias são um documento que, sem dúvida, fazem parte da história, fornecendo imagens e guardando determinados momentos, tornando-se um instrumento

imprescindível na imprensa. Por esta razão, a informação contida nas fotografias deve ser localizada de forma imediata. Em decorrência do ambiente jornalístico, voltado para a rapidez na informação, as fotografias são percebidas de forma excessivamente imediatista. No entanto, a fotografia registra momentos que já se foram, momentos que se localizam, no momento em que a imagem é vista, no passado. Por este ângulo, a fotografia é, certamente, um suporte para a memória.

A memória aparece, então, como algo concreto, definido, cuja produção e acabamento se realizaram no passado e que cumpre transportar para o presente. Diz-se, também, que a memória corre o risco de se desgastar, como um objeto frível submetido a uma ação abrasiva; por isso é que precisa não só ser preservada, mas restaurada na sua integridade original. E também se deixa aprisionar pelo esquecimento, pela ocultação, enreda-se com caminhos que não conduzem ao presente; portanto, tem que ser resgatada” (Meneses, 1992: 10).

2. Fotografia como memória e documento

Através da fotografia visualizamos o passado; sua característica de *testemunho direto* – e é isto que a diferencia em essência da representação pictórica – da realidade lhe confere um valor documental incomparável. Os cenários e os personagens não são mais “imaginados”, encontrando os estudiosos da iconografia fotográfica, fontes históricas insubstituíveis.” (Kossoy, 1980: 45)

O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento.” Ainda segundo o autor “a palavra latina monumentum remete para a raiz indo-européia men, que exprime uma das funções essenciais do espírito (mens), a memória (memini). O verbo monere significa ‘fazer recordar’, donde ‘avisar’, ‘iluminar’, ‘instruir’. O monumentum é um sinal do passado” (...) “O monumento tem como características o ligar-se ao poder da perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (...) O termo latino documentum, derivado de docere “ensinar”, evoluiu para o significado de “prova” e é amplamente usado no vocabulário legislativo. (Le Goff, 1984, p. 104 - 106)

Em mais de 150 anos de fotografia, podemos dizer que muita coisa mudou: os materiais, os processos de fabrico, a aparência das imagens. No entanto, e fundamentalmente, mudou a nossa atitude em face da fotografia: “hoje em dia ela está tão presente e em tão grande quantidade que quase não reparamos nela.” (Pavão, 1997: 24). A partir dessa colocação, podemos notar que aproximadamente até o século XIX o documento fotográfico era raro e caro, um privilégio que só a elite da época podia vivenciar. Atualmente as fotografias se tornaram mais “banais”, recebem muitas vezes

pouco cuidado, e acabam se perdendo ou se deteriorando, sem preocupação com o futuro, ou seja, não reconhecidas como patrimônio histórico.

4. Preservação e conservação do documento fotográfico

A estrutura das fotografias pode ser dividida em três componentes: (Kennedy & Mustardo, 2001: 7):

- uma camada de suporte primário: são usados materiais como metal (placas de cobre com prata e de ferro laqueado), vidro (como negativos de vidro), plásticos (negativos em filme, como acetato, nitrato poliéster) e papéis resinados;
- uma camada aglutinante: são comuns materiais como albúmen, colódio ou gelatina;
- material da imagem final: no caso de fotografias preto e branco, são usadas partículas metálicas finamente divididas, e no caso de fotografias coloridas, de corantes ou pigmentos.

Esse tipo de material pode ser facilmente danificado, mesmo quando está em bom estado de conservação.

Todos os três tipos de bases, podem ser arranhados, abrasados e amassados. Gordura e sujeira das mãos também podem danificar a base, a gelatina e a imagem final. Uma vez que a deterioração tenha começado, os materiais da base dos filmes tornam-se ainda mais propensos a danos durante o manuseio. Materiais deteriorados podem tornar-se quebradiços. (Fischer & Robb, 2001: 7)

Por esse motivo, é destacada a importância da adoção de uma política de preservação definida. Dessa forma, ficam definidos quais os cuidados necessários para a conservação adequada de um determinado acervo.

Algumas instituições preservam a documentação que lhes interessa, mas muitas descartam um precioso material, ou o deixam deteriorar. Especificamente no Brasil, podemos dizer que não há essa cultura de preservação dos bens culturais, aliado a um clima impróprio para a conservação do suporte fotográfico. “A deterioração de um documento devido à idade, à acidez ou à utilização excessiva limita tanto o acesso físico quanto o acesso intelectual ao mesmo.” (Waters, 2001: 14)

Grandes obstáculos financeiros retardam o projeto e a implementação de estratégias efetivas de preservação (...) o maior obstáculo para o desenvolvimento e administração dos programas de preservação é a carência, não de dinheiro, mas de conhecimento (...) as restrições financeiras são sérias e ainda se tornarão maiores; mas até que a batalha da preservação chegue ao ponto no qual a maioria das pessoas saiba o que conviria ser feito e

como deveria ser feito, a carência de recursos para a realização dos programas, em uma escala apropriada às necessidades, não chegará a ser significativa. (Conway, 2001: 15)

Fazendo um levantamento sobre a coleção de fotografias, a instituição poderá decidir qual será o melhor destino para estas. Dessa forma, e com a consciência de preservar, muitas coleções de documentos fotográficos hoje perdidos ou em lastimável estado poderiam apresentar boa legibilidade. No caso da imprensa, ainda notamos uma grande ausência por projetos nesse sentido, sendo que a utilização de fotografias nesse contexto é imprescindível.

A preservação é apenas mais um aspecto do gerenciamento de coleções, onde o planejamento deve contemplar tanto a preservação à deterioração quanto a sua eventual reparação..." e "outro aspecto que afeta as prioridades da preservação está no valor intrínseco determinado por seu valor enquanto objeto, seja monetário, associado ou simbólico. (Silva, 2002: 103)

Houve uma época em que o significado de preservar estava atrelado à idéia de conservação, de permanência. "Hoje, preservar significa adquirir, organizar e distribuir recursos com a finalidade de impedir uma posterior deterioração ou de renovar a possibilidade de utilização do material" (Silva, 2002: 106). Ou seja, preconiza-se a conservação preventiva, aquela que impede ou posterga ao máximo a deterioração que, quando ocorre, determina ações de restauro.

Não podemos deixar de salientar que os arquivos de fotografias digitais, amplamente utilizados na atualidade, também precisam de preservação adequada.

5. Arquivos digitais

Com o crescente aprimoramento das novas tecnologias, sabemos que a paisagem eletrônica se modifica constantemente e rapidamente.

Há 10 anos atrás a fotografia digital era uma curiosidade, de que se falava esporadicamente e que raramente tínhamos a oportunidade de ver. Havia então a convicção, todos nos lembramos ainda, de ser apenas uma experiência, que ficava muito aquém da fotografia analógica em termos de qualidade, definição e fidelidade de cor. Com o progresso tecnológico dos últimos anos a fotografia digital foi-se aperfeiçoando e aproximando da fotografia analógica em termos de qualidade. As facilidades de criação e reprodução que lhe são inerentes foram-na fazendo invadir muitos domínios da fotografia tradicional, em casa, na escola, nos meios de comunicação. Esta invasão estendeu-se também às instituições detentoras de bens culturais, arquivos e bibliotecas." Ainda segundo Pavão (2002: 4), em cerca de aproximadamente dez anos a fotografia digital terá ultrapassado a fotografia analógica em termos de produção e de qualidade, assim surgindo a necessidade de preservar as fotografias digitais. (Pavão, 2002: 4)

Por esse motivo, não podemos nos esquecer que os arquivos digitais também merecem cuidado e preservação, só que apenas por uma ótica diferenciada. Segundo Conway (2001: 11) “a informação na forma digital – a evidência do mundo em que vivemos – é mais frágil que os fragmentos de papiros encontrados nas tumbas dos Faraós”. Isso se deve ao fato do mundo eletrônico se modificar muito rapidamente, e as linhas que separam o atual e o obsoleto são muito tênues.

Ainda segundo o mesmo autor:

O universo digital transforma os conceitos da preservação tradicional: em vez de garantir a integridade física do objeto, passa a especificar a geração e a manutenção do objeto cuja integridade intelectual é sua característica principal (...) muitos dos princípios centrais da preservação, desenvolvidos no universo analógico, podem ser transportados para o universo digital, de forma a dar prosseguimento ao essencial desempenho da administração e dos serviços.” (Conway, 2001:12)

Segundo Silva:

No universo digital, é descartada toda e qualquer noção que entenda preservação e acesso como atividades distintas. O conceito de preservação no universo digital assume três significados diferentes: a) possibilitar o uso, já que para uma pequena série de documentos valiosos, mas deteriorados, a tecnologia da imagem digital é possivelmente o único mecanismo de custo compatível capaz de viabilizar a disponibilização para consulta; b) proteger o item original e c) manter os objetos digitais, sendo este o novo foco do trabalho de preservação (...) Assim, gerenciar a preservação digital implica em gerar, organizar e indexar, armazenar, transmitir e garantir a contínua manutenção da integridade intelectual.” (Silva, 2002: 106)

Na preservação das fotografias digitais, Pavão (2002: 3) lembra que

A evolução tecnológica dos últimos anos mostra-nos que um sistema digital é ultrapassado por outro mais moderno, poucos meses ou anos após o seu lançamento, tornando-se um sistema obsoleto algum tempo depois. Novos sistemas digitais têm surgido e continuarão a surgir certamente, em sucessão sucessiva, sem cessar. Os sistemas antigos tornam-se obsoletos, inevitavelmente, no espaço de uma década ou antes disso e as imagens por eles geradas ou neles mantidas, deixam de ser lidas, decodificadas ou reproduzidas pelos novos sistemas que entretanto surgem. Os próprios suportes são ultrapassados por outros, de maior capacidade de armazenamento, rapidez de acesso ou gravação e menor custo. Isto significa que, aos responsáveis pela conservação do patrimônio visual, não basta garantir a boa condição física dos CDs, fitas magnéticas, discos rígidos, ou qualquer outro suporte de arquivo de imagens. Os ficheiros devem ser actualizados para se manterem legíveis e utilizáveis. Se o nosso arquivo de imagens permanecer fechado e isolado por alguns anos, quando o quisermos abrir arriscamo-nos a encontrar uma Biblioteca Babilônica, indecifrável. (Pavão, 2002: 3)

Para que a preservação dos documentos fotográficos digitais se dê de forma adequada, são necessários uma criteriosa seleção, manuseio e manutenção.

6. Pesquisa de campo

O documento fotográfico é um instrumento bastante utilizado pela imprensa escrita, de uma forma geral. Por esse motivo, realizamos a pesquisa de campo nos seguintes arquivos fotográficos: O Estado de S. Paulo, Editora Globo e a Folha de S. Paulo.

A pesquisa foi realizada através de um questionário aberto e visitação das instalações e do material que a instituição possui. As visitas foram feitas no período de julho a outubro do ano de 2005, na cidade de São Paulo. Os principais tópicos do questionário que orientaram a pesquisa são os seguintes:

- A origem das imagens: se a instituição produz suas próprias fotografias ou se tem também imagens recebidas de fora (agências, bancos de imagens, etc.);
- A utilização das imagens: além da utilização nos produtos da instituição, ocorrem outras utilizações? (como venda, por exemplo).
- A caracterização do acervo: quantidades aproximadas, distribuição entre fotografias analógicas e digitais, coloridas e preto e branco.
- Como as fotografias são guardadas: acondicionamento, mobiliário, controle de temperatura e higrometria.
- Que valor a instituição atribui ao seu acervo fotográfico enquanto patrimônio cultural? Ou seria patrimônio financeiro?
- No que diz respeito à preservação do acervo, o que é feito? Algo a mais poderia ser feito se houvesse condições? O que?
- Na opinião do entrevistado, o arquivo fotográfico é valorizado de maneira justa? Esta valorização é sustentada por fatores mais financeiros ou culturais?

Através da pesquisa de campo, pudemos perceber que as instituições adotam posturas distintas em relação ao seu acervo fotográfico.

7. 1. O Estado de S. Paulo

O jornal O Estado de S. Paulo se localiza na cidade de São Paulo, na Avenida Engenheiro Caetano Álvares, 55. A instituição, através da Agência Estado, comercializa

suas fotografias. As fotografias são vendidas tanto para agências nacionais quanto internacionais. As imagens são produzidas pelos próprios fotógrafos da instituição, e a Agência Estado também comercializa as fotos produzidas, inclusive para agências internacionais.

O acervo possui cerca de 56.000 pastas com fotografias analógicas e cerca de 2.600 CDs com imagens digitais. Diariamente são gravadas cerca de 3.000 imagens digitais. As fotografias analógicas ficam guardadas em armários deslizantes de metal, no arquivo da instituição. As fotografias ficam dentro de pastas, e cada pasta corresponde a fotografias de um determinado assunto (como fotografias do presidente Jânio Quadros, por exemplo). A ordem usada para organizar esses assuntos é a ordem alfabética. Dentro da pasta correspondente ao assunto, se encontram todas as fotografias sobre aquele assunto disponíveis no acervo das fotografias antigas.

No arquivo de fotografias digitais, as fotografias são gravadas em CDs, e nos últimos meses a gravação vem sendo realizada em DVD (devido à melhor definição da imagem e capacidade de abrigar um número maior de imagens), mas grande parte do acervo é em CD. As fotografias do dia são gravadas no CD ou DVD correspondente (com indicação do dia, mês e ano) e indexadas com palavras-chave, possível a busca livre).

Um ponto negativo é que tanto no setor de fotografias quanto no arquivo da instituição, apenas um computador possui a programação necessária para a indexação das fotografias. Este fato dificulta e atrasa a indexação das fotografias do dia. Para solucionar esse problema, se pretende, assim que for possível, contratar uma equipe de bibliotecários, para que esse processo se torne mais eficiente.

Na coleção de fotografias antigas, muitas estão em bom estado de conservação. Outras se encontram com cola em seu verso, com sinais de corretivo e tinta de caneta. Isso se deve porque há algumas décadas, como a preocupação com a preservação do documento fotográfico era menor, os jornalistas tinham menos “cuidados”, e não havia programas de computador para deixar as fotografias do jeito desejado (como Photoshop, por exemplo).

A instituição atribui valor financeiro a sua coleção de fotografias. Através da Agência Estado, muitas fotografias do acervo do Estado são vendidas, assim como também há a compra. Mas também há por parte da instituição a atribuição de um significado de “patrimônio cultural” ao seu acervo fotográfico. O Estado de S. Paulo possui fotografias que há apenas em sua coleção, e portanto gera preocupação da instituição em mantê-las.

6.2. Folha de S. Paulo

O jornal Folha de S. Paulo se localiza na cidade de São Paulo, na Alameda Barão de Limeira, 425. A instituição, através da Agência Folha Express, comercializa suas fotografias. As fotografias são vendidas tanto para agências nacionais quanto internacionais. As imagens são produzidas pelos próprios fotógrafos da instituição, e a Agência Folha Express também comercializa as fotos produzidas, inclusive para agências internacionais.

O acervo físico possui aproximadamente cerca de 2.500.000 ampliações, 240.000 cromos e 360.000 negativos. O acervo digital conta com cerca de 271.000 imagens na base SD-Arc, 494.000 imagens na base DigiCol e 23.000 em pautas.

As fotografias são gravadas em CDs, e essa atividade é realizada pelos próprios fotógrafos responsáveis. As fotografias analógicas ficam guardadas em armários deslizantes de metal, no arquivo da instituição. As fotografias ficam dentro de pastas, e cada pasta corresponde a fotografias de um determinado assunto (há assuntos como esportes, pessoas famosas, cinema, etc.). A ordem usada para organizar esses assuntos é a ordem alfabética. Dentro da pasta correspondente ao assunto, se encontram todas as fotografias sobre aquele assunto disponíveis no acervo.

O acervo analógico existe desde a fundação do jornal. Há fotografias que datam da década de 1920 e 1930. Essas fotografias nunca passaram por nenhum tipo de restauro, e muitas se encontram amassadas, dobradas, riscadas com caneta esferográfica e lápis, carimbadas e com cola em seu verso. Quando alguma dessas fotografias é utilizada, geralmente ela também é digitalizada. Não há nenhum tipo de climatização especial.

Dessa forma, o jornal acaba perdendo em não preservar as fotografias. Muitas vezes há a necessidade rápida de alguma fotografia, não se consegue localizá-la no acervo e a compra de outra agência acaba sendo feita. O acervo fotográfico não é valorizado como deveria, mas com a contratação de profissionais especializados e liberação de verbas para projetos internos (como a recuperação de documentos danificados), os problemas poderiam ser minimizados.

6.3. Editora Globo

A Editora Globo se localiza na cidade de São Paulo, na Avenida Jaguaré, 1485. A Editora Globo conta no momento com 11 títulos de revistas, duas semanais e as demais mensais. O acervo físico conta com cerca de 1 milhão de imagens, divididas nos seguintes suportes:

- os cromos correspondem a 54,2%;
- os negativos (coloridos e p&b) correspondem a 20,6%;
- fotografias analógicas coloridas correspondem a 2%;
- fotografias analógicas p&b correspondem a 23%

O acervo digital soma aproximadamente 13000 imagens. A Editora Globo passou por duas tentativas anteriores de digitalização ao acervo. Ambas não deram certo, por diversos motivos, como: dificuldade para busca; base não adequada para a função designada; travamento da base, etc. Não há comercialização de suas imagens, elas são usadas apenas para necessidades internas. Porém, a editora compra imagens de outras agências quando necessário.

O acervo analógico existe desde a fundação da editora. As fotografias mais antigas datam da década de 1950. Essas fotografias nunca passaram por nenhum tipo de restauro, porque a Editora Globo possui publicações mensais em sua grande maioria, e dessa forma não há tanta pressa e imediatismo quanto em jornais – que são diários – por exemplo. Assim, as fotografias não possuem marcas de caneta, marcas ou restos de cola e corretivo. Não há nenhum tipo de climatização especial.

As fotografias analógicas ficam guardadas em armários deslizantes de metal, dentro de pastas de papel, e cada pasta corresponde a fotografias de um determinado assunto. A ordem usada para organizar esses assuntos é a ordem alfabética. Dentro da pasta correspondendo ao assunto, se encontram todas as fotografias sobre aquele assunto disponíveis no acervo das fotografias analógicas. Há cerca de 2 anos, houve uma tentativa da instituição de armazenar as fotografias em pastas apropriadas para evitar a deterioração. Mas essas pastas eram de material mais frágil (papel bem fino), e como estas pastas são muito manuseadas, ficou decidida a volta das antigas pastas de papel, porque o material foi julgado mais duradouro e resistente.

A editora dispõe de menos cuidado com as fotografias porque não as comercializa. Talvez, se houvesse comercialização, o incentivo para a preservação seria maior. O estado de conservação do material não é precário, e esse fato é explicado pelo motivo da Editora

Globo quase não ter publicações diárias, e dessa maneira não necessitar das imagens tão urgentemente.

8. Considerações finais

Após a realização da pesquisa de campo, pudemos perceber que muitas vezes as instituições têm interesse de preservar as suas fotografias por interesses comerciais. Por esse interesse surgiram alguns acervos fotográficos, e não exatamente com a intenção de manter a memória da instituição através desse material. Com a globalização e a crescente necessidade pela rapidez de informações, as agências (tanto nacionais quanto internacionais) que comercializam fotografias as vêem como um mercado próspero e em expansão.

Por esse motivo, muitas vezes as instituições são incentivadas a tentar preservar o acervo fotográfico que possuem. No caso do jornal O Estado de S. Paulo, sempre houve desde a sua fundação a preocupação na manutenção do acervo fotográfico. Mas segundo a editora de fotografias, há essa preocupação com a manutenção do acervo, pois além da questão da memória, algumas fotografias apenas a instituição possui, oferecendo assim boa procura por agências que comprem fotografias.

No caso da Folha de S. Paulo percebemos que a preocupação com a manutenção do acervo fotográfico é um pouco menor. Apesar de vender fotografias também, o seu forte são fotografias mais recentes, já que as antigas muitas vezes são difíceis de localizar, e quando localizadas, não há informações sobre a fotografia, (como fotógrafo responsável, data, etc.) comprometendo a sua comercialização. Atualmente a instituição está tentando projetos de conservação.

Na Editora Globo pudemos perceber que as fotografias se encontram em estado razoável pelo pouco uso, se comparado a instituições que mantêm publicações diárias. Além disso, por essa característica, também não possuem marcas de caneta, corretivo, cola, durex, etc. A preocupação em manutenção do acervo não é grande, isto se deve especialmente, à não comercialização de suas imagens.

Assim, pudemos verificar que a situação ideal de preservação do documento fotográfico nem sempre corresponde à realidade. As instituições se justificam dizendo que fazem o que lhes é possível naquele momento. Apesar desse fato, a consciência de que a preservação é importante para a memória já está se tornando um pouco mais sólida, pois

além de patrimônio histórico, envolve o interesse comercial das fotografias, como já apontamos.

Referências Bibliográficas

CANTO, Cristine de Bem. **Realidades construídas**: estudo da imagem fotográfica: documento do real e representação de ficção. São Paulo, 2003. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Jornalismo e Editoração, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

CONWAY, Paul. **Preservação no universo digital**. 2^a ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001. (Projeto conservação preventiva em bibliotecas e arquivos).

FISCHER, Monique C., ROBB, Andrew. **Indicações para o cuidado e a identificação da base de filmes fotográficos**. 2^a ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001. (Projeto conservação preventiva em bibliotecas e arquivos).

KENNEDY, Nora; MUSTARDO, Peter. **Preservação de fotografias**: métodos básicos para salvaguardar suas coleções. 2^a ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001. (Projeto conservação preventiva em bibliotecas e arquivos).

KOSSOY, Bóris. **Fotografia & História**. 2^a ed revisada. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. **Enciclopédia Einauld**, vol.1, Memória – História. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984, p. 95 – 106.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, no. 34, p. 9 – 23, 1992.

PAVÃO, Luís. **Conservação de colecções de fotografia**. Lisboa: Sinalivro, 1997.

SCHAEFFER, Jean-Marie. **A imagem precária:** sobre o dispositivo fotográfico. Campinas: Papirus, 1996.

SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves da. **Digitalização de acervos fotográficos e seus reflexos institucionais e sociais:** tecnologia e consciência no universo digital. Rio de Janeiro, 2002. Tese (Doutorado) – Departamento de Ciência da Informação, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre fotografia.** [tradução de] Joaquim Paiva. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

WATERS, Donald J. **Do microfilme a imagem digital.** [tradução de José Luiz Pedersoli Júnior]. 2ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001. (Projeto conservação preventiva em bibliotecas e arquivos).